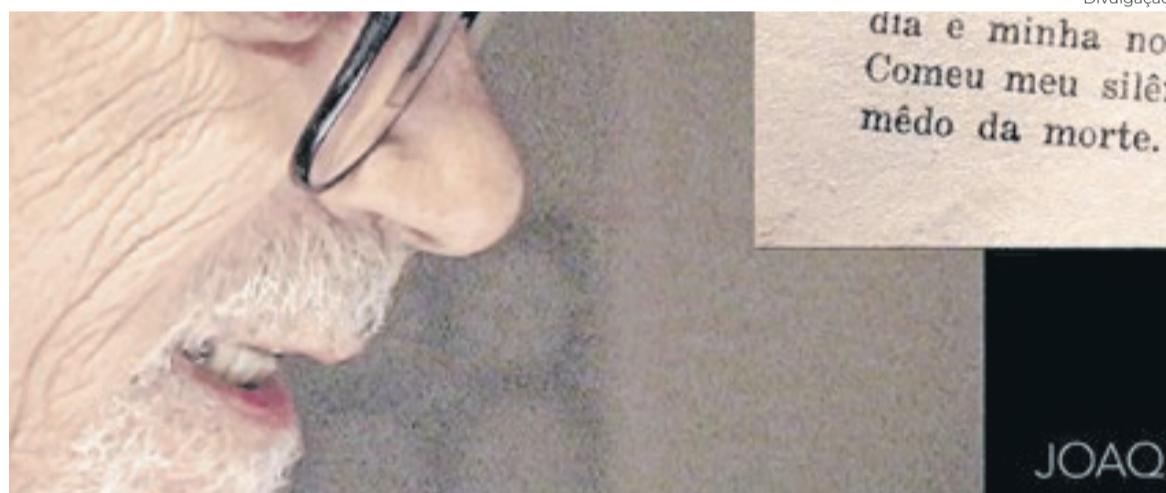




'Helena! Cinema!' mirou Ouro Preto com olhos nos olhos para celebrar Helena Ignez

“As imagens, para mim, são ruínas, principalmente na questão do trabalho de arquivo. A coisa com que eu mais gosto de trabalhar são restos, fragmentos. O texto do Proust, mais do que pretexto ou pré-texto, para mim é um prisma, onde jogo luz, e encontro sentidos que antes não eram perceptíveis”

CARLOS ADRIANO



'Habitar o Tempo' é uma comovente metonímia de Eduardo Coutinho



Projeção da versão restaurada de 'Um Céu De Estrelas' reacendeu debates políticos da Retomada

casinha onde ela vive com a mãe. Em poucas horas, explode o ódio, em sua vertente mais sexista. Pavimentada num texto literário de Fernando Bonassi, Tata registra aquele lar como um microcosmos de desajustes que fervem até estourar aos olhos de uma mídia que canibaliza tragédias.

Num outro espaço, a CineOP serviu de ribalta a um óvni de DNA

pernambucano que se vende como documentário, mas parece uma ficção científica (daquelas que o quadrinista Moebius fazia nas HQs, como "O Rola-Doida" e "Arzach") chamada "Vivo 76". Aparentemente, seria um resgate dos bastidores do LP lançado por Alceu Valença há 50 anos, só que o diretor Lirio Ferreira não se aguentou e, num faniquito de invenção, transformou

em performance (ativa) a massa de recortes de época que tinha e o próprio músico. Faz do rapsodo lisérgico Alceu o seu Major Grubert (o herói psicodélico e psicotrópico de Moebius). O resultado dessa metafísica de Lirio é um bicho indomável que "avoá" nas telas avesso a rótulos. Ou seja: um filmaço.

Sintonizado com as pautas decoloniais, a CineOP buscou um

achado de 2020, que cruzou com as tosses da pandemia, mas sobreviveu a ela: "Chico Rei Entre Nós", de Joyce Prado. A sessão dessa pérola documental épica foi comovedora. Retratada em nosso cinema num cult de 1985 de Walter Lima Jr. que passava até na "Sessão da Tarde" na década de 1980, a história de Galanga - monarca guerreiro do Congo capturado por portugueses e escravizado em Vila Rica -revive no olhar de Joyce como um estudo sobre táticas de inclusão.

Naquela esfera da "saudade" em redescoberta(s) mencionada lá em cima, os curtas da CineOP bailaram nietzscheaneamente felizes, no eterno retorno de figuras preciosas da cultura nacional, como Eduardo Coutinho (1933-2014). Completam-se 50 anos do roteiro mais famoso que esse mito da não ficção escreveu ao longo de uma carreira paralela a seu ofício de documentarista: o script (assinado também por Leopoldo Serran) de "Dona Flor e Seus Dois Maridos" (1976). A love story em trisal entre a quituteira Florípedes (Sonia Braga), o farmacêutico Teodoro (Mauro Mendonça) e o fantasmilha camarada Vadinho (José Wilker) levou 10,7 milhões de pagantes às salas de exibição, sob a direção de Bruno Barreto, e pode ser visto na plataforma MUBI. Não se fala dele, nem se menciona essa efeméride e, tampouco, discute-se o investimento (sazonal) do diretor de "Jogo de Cena" (2007) na ficção em "Habitar o Tempo", curta-metragem com que a diretora Cristiana Grumbach estilhou os corações de Ouro Preto. Nem por isso, a produção deixa de ser um documento precioso sobre Coutinho.

Há mais banzo do que informação no filme de 15 minutos dirigido (na chave da doçura) pela realizadora de "Morro da Conceição" (2005) a partir do resgate dos registros de um encontro com o artesão do real, de quem foi amiga e colaboradora. A sinopse dela até parece poesia (mas seu filme, também): "Lua cheia de maio. Seis amigos. Dois poemas. Uma noite, há 23 anos". Num evento que celebra a recordação e faz da linguagem documental o eixo de sua programação (e de suas reflexões), como é a CineOP, a produção de Cristiana é uma pedra preciosa à altura dos minérios no solo daquele aurífero perímetro das Gerais. E o é sobretudo por celebrar um autor cinematográfico famoso por uma Comédia Humana pautada pela palavra e pela escuta, com títulos como "Edifício Master" (2002) em sua filmografia. Vemos metonímias de Coutinho salpicando a narrativa de "Habitar o Tempo" numa leitura coletiva de poemas de João Cabral de Melo Netto (1920-1999).

Cristiana Grumbach também se faz ver entre esses recortes, assim como outras figuras ligadas às artes e às Ciências Sociais, como Renata Baldi, Eliska Altman, Geraldo Pereira e Fernando Fragozo. Cada qual lê um verso, ou mais de um... Cada verso traz uma prerrogativa suicida

ou analgésica sobre o amor. Estrofe a estrofe, minuto a minuto, um mosaico de sensações forma um colosso sinestésico de catarse e de busca, deflagrando recordações... as de Cristiana e as de quem viu Coutinho em seu devir Paracelso de transformar o chumbo da vida em ouro documental. Há poucos dias, seu longa de maior fama, "Cabra Marcado Para Morrer" (1984), passou pela Austrália, no Festival de Sydney, numa retrospectiva estruturada pelo supracitado Kleber Mendonça Filho, o aclamado diretor de "O Agente Secreto" (2025), sobre brasilidades.

Outro dos deslumbres da seleção de curtas da CineOP 2026 é a viagem que Cavi Borges e Christian Caselli fizeram pelo legado vivo e ativo da atriz e diretora Helena Ignez no ensaio "Helena! Cinema!", que conta com a voz melíflua de Patrícia Niedermeier para representar os fluxos de pensamento e de inquietude da estrela de "A Mulher de Todos" (1969). É um retrato afetivo que foge das imagens mais repetidas que costumam circundar os merecidos tributos a essa multiartista da Bahia. Caselli, que é um dos montadores mais engenhosos do país, funde biopic (épico biográfico) com estéticas do Cinema de Invenção construindo sequências que mais parecem haicais. É um poema sobre uma musa de muitas gerações e de muitas artes, entre o palco de Brecht e o audiovisual de Rogério Sganzerla (1946-2004), seu companheiro de um tudo.

Dos muitos momentos que vão eternizar a CineOP de 2026, poucos carregam uma centelha de luta contra opressões históricas tão forte quanto o discurso de Benedita da Silva resgatado por "Eunice Gutman Tem Histórias", trova filmada que Lucas Vasconcellos fez. Seu foco está na realizadora que é ícone do feminismo em nossas telas. Com linha de cetim, o cineasta alinhava imagens preciosas dos docs que fizeram de Eunice uma referência, ainda ativa.

Em seu adeus, a CineOP foi buscar o ganhador da Mostra de Tiradentes (festival do qual é irmã caçula): "Anistia 79", de Anita Leandro. Professora da Escola de Comunicação (ECO) da UFRJ, a realizadora mineira abriu uma caixa de Pandora que estava fechada há quase 47 anos, com sentimentos, vivências, engasgos e catarses de quem precisou sair do Brasil sob a pressão do regime fardado (de 1964 a 1985). Seu filme encontra registros raríssimos da Conferência Internacional pela Anistia no Brasil, que foi realizada em Roma, em junho de 1979. Foi o maior encontro da esquerda brasileira fora do país. Ali há fatos essenciais para se entender a manutenção do aparato repressivo militar e a impunidade dos torturadores.

Terminada a CineOP, o circuito festivo das Gerais, arquitetado por Raquel Hallak, aquece as turbinas da 20ª CineBH, a caçula dessa trinca de mostras, agendada de 22 a 27 de setembro.